

O POSITIVISMO E O PENSAMENTO EDUCACIONAL DE DURKHEIM

*Carlos Henrique de Carvalho*¹
*Luciana Beatriz de O. B. de Carvalho*²

RESUMO

Este artigo analisa as idéias de Durkheim sobre o processo educativo, objetivando evidenciar suas reflexões a respeito da consciência coletiva, sendo esta capaz de despertar a solidariedade mecânica entre os homens. O homem, enquanto ser social, perderia sua individualidade tornando-se "cidadão da Pátria", constituindo-se em um ser coletivo (solidariedade orgânica). Esta coesão social seria permanente se levasse em consideração o aspecto da educação. Durkheim defende que os indivíduos são diferentes, pois cada um tem uma personalidade particular, aptidões diferentes e, por conseqüência, exercem atividades também diferentes.

ABSTRACT

This article deals with Durkheim's ideas about the educational process. It tries to explain his reflections about the collective consciousness, in so far as it brings about the mechanical solidarity among men. Man, as a social creature, would lose his individuality and be turned into the citizen of the native country, becoming a collective creature (organic solidarity). This social cohesion would be permanent if considering the educational aspect. Durkheim states that the individuals are different, because everyone has an individual personality, different skills, and they exercise different activities too.

¹ Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisa em História e Historiografia da Educação da Universidade Federal de Uberlândia.

² Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisa em História e Historiografia da Educação da Universidade Federal de Uberlândia.

A filosofia positiva se encontra, pois, naturalmente dividida em cinco ciências fundamentais, cuja sucessão é determinada pela subordinação necessária e invariável, fundada, independentemente de toda opinião hipotética, na simples comparação aprofundada dos fenômenos correspondentes: a astronomia, a física, a química, a fisiologia e, enfim, a física social.

Augusto Comte

INTRODUÇÃO

Entre fins do século XVIII e início do século XIX surgiu a corrente positivista que teve uma enorme influência sobre o pensamento moderno, que se estende até os nossos dias, principalmente através da sociologia acadêmica francesa e norte-americana, penetrando até mesmo em certas vertentes do pensamento marxista. De modo geral, o Positivismo procurou dar uma “resposta” à questão da objetividade nas ciências da sociedade, comparando-as às ciências da natureza. Para o Positivismo, a sociedade é regida por leis naturais e invariáveis, independentes da vontade e da ação humana. Por conseguinte, a sociedade poderia ser estudada pelos mesmos métodos “neutros”, livres de julgamento de valor, que são empregados pela ciências naturais.

Fazendo um breve histórico do positivismo – e, principalmente, do seu postulado da “neutralidade axiológica do saber” –, percebe-se que esteve, em suas origens, vinculado à utopia crítico-revolucionária da burguesia e anti-absolutista e anti-feudal. A idéia de uma “ciência natural da sociedade”, defendida por autores como Condorcet e Saint-Simon, sem dúvida servia aos propósitos de combater o obscurantismo clerical, as doutrinas teológicas sobre o poder político, os dogmas de toda ordem, etc. Porém, com a ascensão política da burguesia, esta “naturalização” da sociedade e das ciências que a estudam, paradoxalmente, deixa de orientar-se para a transformação social e adquire cunhos de ideologia conservadora. Esta passagem, no âmbito da sociologia, se deu com Augusto Comte e, principalmente, com Émile Durkheim, cujas concepções de “leis sociais

naturais” tendentes à integração e harmonização da sociedade no limite, obscurecem, ocultam ou justificam as desigualdades de poder econômico e político.

TRABALHO E EDUCAÇÃO EM DURKHEIM

A escolha de Durkheim justifica-se por ele ser um clássico da Sociologia da Educação, e a importância de uma obra clássica é que ela nos faz pensar. Devemos, como diz Hegel, ter a paciência do conceito, o que significa que a aproximação a uma obra que nos faz pensar é lenta, se faz aos poucos, mas é fundamental na história pessoal e profissional de cada um.

O paradigma do corpo fornece a Durkheim a chave de compreensão da sociedade. Esta é um organismo social e o que o caracteriza são os seus órgãos e as suas funções. Deste modo, para Durkheim, a sociedade é um organismo, cujos órgãos são as instituições: Igreja, Família, Estado e Escola. Cada instituição possui uma função específica, que se distingue da intenção ou do propósito. Por exemplo, as pessoas vão à Igreja para adorar a Deus, mas a função de sua atividade é ressaltar a unidade social. A função de um item social refere-se à sua correspondência com as necessidades gerais do organismo social. A função das sanções repressivas é proteger e, por esta maneira, sustentar os valores da consciência coletiva. No geral, as funções devem satisfazer às necessidades do organismo social; basicamente, devem assegurar a permanência da sociedade como um sistema integrado (ou em vias de integração) de elementos complementares. O conceito-chave é o de ordem. Diremos que Durkheim é um “reprodutivista”, já que a sua teoria social está centrada no conceito de equilíbrio social, ou seja, centrada na problemática da integração social e na reprodução do equilíbrio social e do consenso. Neste aspecto, as instituições possuem um caráter de exterioridade, são fatos sociais que devem ser como coisas, o que significa que devem ser observadas a partir de uma atitude mental semelhante à de um investigador da natureza (estudar algo a partir do exterior é tomar uma atitude de neutralidade). Este caráter de exterioridade significa que nós não herdamos as instituições sociais. Para o autor, o substrato

da sociedade não é a consciência individual, mesmo que ela seja composta de indivíduos. Toda vez que há uma combinação, os elementos desencadeiam fenômenos novos que estão contidos não nos elementos, mas no todo formado pela referida união. Os fatos resultantes da síntese de seus membros são exteriores às consciências individuais, consideradas como tais. Pode-se, então, chamar de instituição toda a crença, todo o comportamento instituído pela coletividade. Assim, os fatos sociais consistem em maneiras de fazer ou pensar, reconhecíveis pela particularidade de serem suscetíveis de exercer influência coercitiva sobre as consciências particulares.

*Portanto, o sociólogo empreende a exploração de uma qualquer ordem de fatos sociais, deve esforçar-se por considerá-los sob um ângulo em que eles se apresentem isolados das suas manifestações individuais.*³

Seguindo esse pressuposto, compreende-se que a divisão do trabalho progride tanto mais quanto existam mais indivíduos que estejam suficientemente em contato para poder agir e reagir sobre os outros. A formação do trabalho varia na razão direta do volume e da densidade das sociedades, e se ela progride continuamente no decorrer do desenvolvimento social, é porque as sociedades se tornam regularmente mais densas e, geralmente, mais volumosas. O exercício de cada função especial não exige que o indivíduo se limite estritamente, mas sim que se mantenha em relações constantes com as funções vizinhas, que tome consciência da necessidade delas, das trocas que acontecem. A divisão do trabalho supõe que o trabalhador, longe de ficar restrito à sua tarefa, não perca de vista seus colaboradores; que aja sobre eles e receba sua ação. Ele não é, portanto, uma máquina que repete movimentos, cuja direção não conhece, mas, ao contrário, sabe que eles se dirigem a uma parte, que tendem a um fim que ele conhece mais ou menos distintamente; sente que serve para alguma coisa. Por isso, não é necessário que o trabalhador perceba amplas porções do horizonte social; é suficiente que perceba o bastante para compreender que suas ações têm um fim fora de si mesmas. Assim,

³ Émile DURKEIM. *As Regras do Método Sociológico*. p.411.

por mais especial e mais uniforme que possa ser sua atividade, trata-se da atividade de um ser inteligente; por isso, ela tem um sentido e ele o sabe. Portanto, a divisão do trabalho é fundamental para a harmonia social. Já que, para Durkheim,

A divisão do trabalho não preenche outro papel, ela apenas tem caráter moral, mas não se percebe qual razão de ser ela pode ter. Veremos, com efeito, que por si mesma a civilização não tem valor intrínseco e absoluto; o que faz seu valor é que corresponde a certas necessidades. É porque esta não prossegue sem um acréscimo de fadiga que o homem é constrangido a buscar, como aumento da restauração das forças, estes bens da civilização que, de outra forma, serão para ele sem interesse. Portanto, se a divisão do trabalho não correspondesse a outras necessidades além daquelas, não teria outra função que a de atenuar os efeitos que ela própria produz, que a de curar as feridas que ela mesma fez.⁴

A EDUCAÇÃO

Centrando suas análises nas instituições sociais, Durkheim procura salientar a importância da educação⁵ nesse cenário. Para ele, ela é a ação das gerações adultas sobre aquelas que ainda não estão maduras para a vida social. Esta ação comporta duas classificações distintas: a integração a uma sociedade política, em seu conjunto, e a integração a meios especialmente destinados à sociedade. Se cada instituição deve contribuir para manter a harmonia do corpo social temos que ver qual o papel que cabe à educação nesta função. Desse modo, a educação não se limita apenas a dar um realce que não tinha, mas lhe acrescentar também alguns elementos. A transformação do indivíduo socialmente integrado se dá através do processo educativo,

⁴ Émile DURKHEIM. *Da Divisão do Trabalho Social*. p. 328.

⁵ Émile DURKHEIM. *A Evolução Pedagógica*. A obra a qual nos referimos é a reprodução de um curso sobre a História do Ensino na França, ministrado por Durkheim em 1904/1905 e retomado nos anos seguintes até a Primeira Guerra Mundial.

pois a sociedade não encontra pronta, dentro das consciências, as bases sobre as quais repousa; é ela própria que as constrói. A cada geração, a sociedade encontra-se diante de um papel praticamente em branco, no qual é preciso trabalhar tudo de novo.

*O fim da educação é desenvolver as faculdades ativas. Assim nascem concepções pedagógicas exageradas, unilaterais e truncadas, que expressam apenas necessidades do momento, aspirações passageiras; concepções que não podem manter-se por muito tempo, pois elas precisam logo ser corrigidas por outras que as completam, que ratificam o que elas têm de excessivo.*⁶

Neste sentido, a educação unifica e divide ao mesmo tempo, obedecendo às exigências de uma sociedade global a um tempo integrada e altamente dividida. Assim, a vida em coletividade supõe algumas semelhanças essenciais, isto é, um certo número de idéias, sentimentos e práticas que a educação deve inculcar em todas as crianças, indiscriminadamente, pertencem elas às categorias sociais. Como exemplo, podemos mencionar a disciplina, a submissão às regras que garantem a vida coletiva, o apego aos grupos sociais, o espírito de sacrifício e de abnegação, dentre outros. Deste modo, é submetendo-se à lei e devotando-se ao grupo que o indivíduo torna-se verdadeiramente homem.

Mas, em relação à divisão social do trabalho, a educação deve separar as gerações em função dos meios específicos para os quais se destinam. Trata-se de renovar os órgãos do corpo social que realizam funções essenciais para a sobrevivência do conjunto. Para Durkheim, a educação da cidade não é a mesma do campo, a do burguês não é a mesma do operário. Ele nos diz que cada profissão constitui um meio ambiental *sui generis* que pede atitudes e conhecimentos específicos, onde reinam determinadas idéias, hábitos e maneiras de ver o mundo; e, como a criança deve ser preparada com vistas à função que preencherá, a educação, a partir de uma certa idade, já não pode ser a mesma para todos. Aos ramos especializados da divisão do trabalho

⁶ *Idem*, p. 19.

correspondem educações específicas e complementares. A seleção dos conteúdos a serem estudados não parece oferecer problemas maiores do que os de uma adaptação funcional às necessidades da divisão do trabalho. Os valores centrais são distribuídos pela educação de acordo com os ramos complementares da divisão do trabalho. A exigência fundamental de harmonia social e, ao mesmo tempo, a divisão funcional do trabalho constituem a estrutura e os principais determinantes da escola como agente de seleção. Desta estrutura decorre a seleção da base moral e dos conhecimentos, técnicas e formas de pensamentos próprios de cada função social. Tem-se, portanto, promoção e mobilidade vertical de acordo com as aptidões de cada um.

Assim sendo, as condições necessárias, em relação ao processo de divisão do trabalho, para que o sistema mantenha-se em equilíbrio seriam atingidas através da educação. É produto, portanto, da coerção exercida pela sociedade. A escola é apenas uma das instituições que, no processo de divisão do trabalho social, assume para si a tarefa específica de intermediar a coerção que a sociedade exerce sobre o indivíduo, buscando alcançar mais rapidamente o processo de socialização. Deste modo, o instrumento básico para evitar a desagregação é a educação. A moral está estreitamente vinculada aos padrões sociais, como forma de socialização dos próprios homens, ou ainda de internalização de traços constitutivos da consciência coletiva da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vê-se, então, que a educação escolar, para Durkheim, tem como objetivo proporcionar a coesão social numa sociedade que se caracteriza pela divisão do trabalho, antes de promover a sua transformação; o que se pretende é fazer com que suas partes se ajustem, cumprindo cada qual a sua função, para propiciar o equilíbrio de toda a sociedade. Deste modo, a pedagogia depende da sua teoria da solidariedade, pois a homogeneidade é de fundamental importância para manter a sociedade em funcionamento. A educação, assim, tem por tarefa reforçar e perpetuar essa mesma homogeneidade. No entanto, tal cooperação só existirá a partir do momento em que houver

diversificação das funções dentro da sociedade. Por isso, a educação apresenta-se como sendo de caráter uno (elementos comuns a todos os indivíduos) e também de caráter diferenciado (cada indivíduo é preparado para exercer determinada função, de acordo com as exigências do meio social no qual está inserido). A diferenciação e a especialização fazem com que a educação não possa ser a mesma para todos em todo o período educacional. Para atender à diversidade funcional, provocada pela divisão do trabalho, faz-se necessário que haja uma educação diferenciada para atender às necessidades inerentes a essa divisão.

Portanto, segundo Durkheim, a educação é boa, já que a sujeição dos indivíduos à submissão social promove a emergência de um novo ser, o qual nasce por intermédio desta ação coletiva, capaz de edificar uma nova moral, representando o que há de melhor no homem, como também o que existe de propriamente humano nele, apesar de perder, de acordo com as proposições de Durkheim, a sua historicidade, em virtude de ficar à mercê da ação de outros homens.

BIBLIOGRAFIA

COMTE, A. *Curso de Filosofia Positiva; Discurso Preliminar sobre o conjunto do Positivismo; Catecismo Positivista*. Trad. por Carlos Arthur Giannotti e Miguel Lemos. São Paulo: Nova Cultural, 1988. (Os Pensadores)

DURKHEIM, Émile. *As Regras do Método Sociológico*. São Paulo: Abril Cultural, 1973, Vol. 33. (Os Pensadores)

_____. *Da Divisão do Trabalho Social*. São Paulo: Abril Cultural, 1973, Vol. 33. (Os Pensadores)

_____. *A Evolução Pedagógica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

_____. *Educação e Sociologia*. São Paulo: Melhoramentos, 1978.